

# OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA DESINFORMAÇÃO

Escuta, participação e  
modos de enfrentamento  
da desinformação



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Observatório participativo da desinformação:

escuta, participação e modos de enfrentamento a desinformação: --1. ed.

-- Belo Horizonte, MG:

Agência de Iniciativas Cidadãs, 2025.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87808-53-6

1. Belo Horizonte (MG) - Descrição 2. Cidadania 3. Desinformação 4. Favelas  
- Aspectos sociais 5. Liderança - Aspectos sociais 6. Movimentos sociais 7.  
Periferias Urbanas.

25-290930

CDD-307

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Periferia: Sociologia 307

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB -1/3129

---

# OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA DESINFORMAÇÃO

Escuta, participação e  
modos de enfrentamento  
da desinformação

REALIZAÇÃO



APOIO



Agência de Iniciativas Cidadãs  
2025

SUMÁRIO

|    |                                                                                                                                                       |    |                           |
|----|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|---------------------------|
| 6  | <b>APRESENTAÇÃO</b><br><i>OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA DESINFORMAÇÃO</i>                                                                             | 24 | <b>INICIATIVAS</b>        |
| 8  | <b>ESCUA</b><br><i>A ESCUTA COMO PONTO DE PARTIDA</i>                                                                                                 | 24 | Dá Ideia                  |
| 11 | Nossa escuta em números                                                                                                                               | 25 | Campanhas                 |
| 12 | Um balanço do que ouvimos                                                                                                                             | 25 | GOLPES CIBERNÉTICOS       |
| 14 | Mapa de escutas                                                                                                                                       | 26 | TÍTULO E ELEIÇÕES         |
| 16 | Lampejos sobre o enfrentamento da desinformação                                                                                                       | 28 | DIREITO À MORADIA DIGNA   |
| 17 | OS MEIOS DIGITAIS NÃO SÃO SUFICIENTES<br>PARA ENFRENTAR A DESINFORMAÇÃO                                                                               | 30 | HIP HOP                   |
| 18 | OS VÍNCULOS DE CONFIANÇA TERRITORIAIS SÃO MUITO<br>IMPORTANTES PARA AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO                                                   | 32 | CRISTÃOS                  |
| 19 | A POSSIBILIDADE DE MOBILIZAR PARA O ENFRENTAMENTO DA<br>DESINFORMAÇÃO É MAIOR QUANDO ELA ESTÁ RELACIONADA<br>DIRETAMENTE AO ACESSO A DIREITOS SOCIAIS | 34 | <b>Periferia Sem Fake</b> |
| 20 | AS DEFICIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA PERIFERIA<br>TORNAM O AMBIENTE INFORMACIONAL ESPECIALMENTE FÉRTIL<br>PARA A DESINFORMAÇÃO                   | 38 | <b>Linha do tempo</b>     |
| 22 | BOA PARTE DA DESINFORMAÇÃO SE DIFUNDE PELA<br>CONSONÂNCIA COM ASPECTOS CULTURAIS MAIS PROFUNDOS                                                       | 40 | <b>DESFECHOS</b>          |

# APRESENTAÇÃO

# OBSERVATÓRIO PARTICIPATIVO DA DESINFORMAÇÃO

O Observatório Participativo da Desinformação é uma iniciativa da AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs que atua para **sistematizar, articular e fortalecer ações populares de enfrentamento da desinformação em territórios periféricos** da Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH.

A inspiração para sua criação veio da experiência da AIC durante a pandemia de Covid-19, **quando ouvimos de referências comunitárias, jovens e moradores de comunidades periféricas ligados aos projetos Comunidade Viva Sem Fome e Periferia Viva as demandas de enfrentamento das fake news** relacionadas à prevenção da doença, vacinação e acesso a benefícios sociais. Naquele momento, a AIC se deu conta de que, como uma instituição historicamente ligada à comunicação comunitária, deveria voltar-se diretamente a esse problema que vinha se consolidando como uma emergência mundial para as democracias: a desinformação.

A ideia foi amadurecida e, em meados de 2023, surgiu oficialmente o Observatório por meio de uma parceria da AIC com o Margem, Grupo de pesquisa em democracia e justiça da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG. **A proposta tinha como base a ideia de fortalecer o combate à desinformação a partir da articulação com líderes locais e da formação de jovens.** Apostamos em incorporar os conhecimentos e as linguagens de cada território na contra-desinformação, valorizando os saberes e as tecnologias territorializadas, reconhecendo o papel central dos vínculos sociais e comunitários na comunicação.

A AIC - Agência de Iniciativas Cidadãs é uma organização sem fins lucrativos que soma 32 anos de atuação em variados projetos e programas voltados ao fortalecimento, articulação e promoção de ações coletivas de construção da cidadania. Atua pela criação de diálogos, mobilização social e fortalecimento da sociedade civil nos campos da comunicação, cultura, educação e acesso a direitos. Para conhecer mais o trabalho da AIC, visite: [www.aic.org.br](http://www.aic.org.br)

Equipe Observatório Participativo da Desinformação



## PLURALIDADE DE INICIATIVAS NO ENFRENTAMENTO DA DESINFORMAÇÃO

A disseminação da desinformação na contemporaneidade é **altamente orgânica, pessoal e passional. Combatê-la exige estratégias que nem sempre os mecanismos de enfrentamento de larga escala são capazes de abarcar.** Diante disso e do que aprendemos com os territórios, apostamos na pluralidade de iniciativas. Escuta, pesquisa, formação, ações presenciais e digitais construídas colaborativamente e concomitantemente, em um projeto dinâmico, que se adapta a cada contexto a partir de diferentes formas de atuação.

O Núcleo de Escuta voltou-se a **ouvir sistematicamente as referências comunitárias da nossa rede para compreender como a desinformação atravessa o cotidiano dos territórios** e, a partir disso, elaborar com elas campanhas e ações que dialogassem com as principais demandas. Também foram ouvidos especialistas, outros Observatórios e projetos quem lidam com a desinformação, construindo uma rede.

Para a realização das campanhas, contamos com o **Núcleo de Criação**, formado por **bolsistas do Dá Ideia, formação oferecida pelo Observatório em seu primeiro ano de atuação para jovens de quatro territórios periféricos (Morro do Papagaio, Pedreira Prado Lopes, Aglomerado da Serra e Justinópolis).** Os bolsistas foram orientados por profissionais da comunicação, arquitetura, design e ciências sociais, demonstrando a interdisciplinaridade do projeto.

Como forma de ampliar nosso conhecimento e também manter o registro e compartilhamento das nossas ações, **atuamos ainda com uma frente de Pesquisa**, que buscou diversos estudos científicos e iniciativas de enfrentamento da desinformação que pudessem nos inspirar.

Por fim, lançamos o **edital Periferia Sem Fake**, que apoiou 13 iniciativas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) para combater notícias falsas, com diferentes abordagens, estratégias e públicos.

Numa tentativa de **sistematizar, sintetizar e compartilhar processos e aprendizados**, criamos essa publicação. Esperamos que ela auxilie na pesquisa, mas principalmente, na ampliação de ações de enfrentamento da desinformação articuladas com a sociedade civil.



# ESCU TA

## A ESCUTA COMO PONTO DE PARTIDA

A escuta é peça central da prática do Observatório. Desde o começo, nossa aposta é que, para um problema tão complexo como a desinformação no mundo contemporâneo, **somente o saber especializado ou científico não bastam**. Queríamos trazer para o debate do enfrentamento da desinformação as vozes diversas de quem a tem enfrentado cotidianamente nos territórios periféricos. Nesta seção, você vai conhecer mais sobre quem escutamos, como escutamos, o que escutamos e o que isso nos ensinou sobre esse fenômeno.



Em pé: Ricardo Fabrino, Caroline Messias, Sofia Alves, Tiago Henrique Lopes, Sthefany Barbosa, Rafaela Lima, Letícia Cesarino (então Assessora Especial em Educação e Cultura em Direitos Humanos no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania), Juliano Canedo e Luiza Avelar. Sentados: Emanuela São Pedro, Junia Martins e Mateus Canela



Maria de Fátima Muniz (Jade), Lucimara Wieniesky, Lorena Paiva, do Clãs das Lobas e Luiza Avelar



Leonice R., Eliete Jesus, do Projeto Uly, Luiza Avelar e Emanuela São Pedro



Emanuela São Pedro, Juthay Nogueira, do Projeto Romper, e Luiza Avelar



Luiza Avelar, Emanuela São Pedro e Edna Gonçalves, da Ocupação Esperança

## AFINAL, POR QUE O OBSERVATÓRIO É PARTICIPATIVO?

Por um lado, o Observatório é participativo porque nunca nos propusemos a simplesmente observar a desinformação. Nossa missão sempre foi **fortalecer, promover e articular iniciativas comunitárias** para lidar com tal problema. Por outro lado, a participação também **diz da nossa observação e investigação compartilhada**, não só com especialistas e instituições, mas principalmente com os sujeitos, referências e organizações comunitárias, jovens comunicadores e outras organizações da sociedade civil.

Nas últimas décadas, o tema da desinformação tem ganhado destaque no cenário acadêmico e na esfera pública em razão dos riscos que oferece para as democracias, para o meio ambiente e para a saúde coletiva, mobilizando muitos pesquisadores e instituições a pensar em soluções para o problema. Contudo, propostas que tenham o protagonismo da sociedade civil não têm alcançado muita atenção dentre as soluções. **As possibilidades de enfrentamento em geral se concentram em propostas menos participativas, como a regulação de plataformas digitais, o desenvolvimento de algoritmos voltados a detectar fake news, a checagem de informações e as ações de educação midiática.** A experiência histórica da AIC em ações de comunicação comunitária e mobilização social, somada ao chamado dos parceiros no contexto da pandemia, nos fez suspeitar que **nas periferias da Região Metropolitana de Belo Horizonte havia formas potentes e criativas de enfrentar o problema.**

O Observatório surgiu para **olhar com atenção para essas iniciativas, e então articular, promover e experimentar, de forma aberta, modos de enfrentamento da desinformação centralizados na participação das organizações e das referências comunitárias.** O ponto de partida para essa participação tem sido, necessariamente, a escuta, seja para compreender as dinâmicas da desinformação e os impactos dela na cidadania nos territórios, seja para imaginar novas possibilidades de enfrentamento.

### Uma observação importante:

Não pressupomos e não há dados indicativos de que haja mais desinformação nas periferias. Não é isso! A ideia de um projeto de contra-desinformação em territórios periféricos surgiu a partir das demandas de organizações territoriais e da vocação da AIC, que atua nesses territórios há três décadas. Decidimos focar a atuação nestes territórios contemplando a experiência da AIC, a rede de referências comunitárias parceiras já construída, e por identificarmos que há pouca atenção tanto para os problemas específicos da desinformação nesses locais, quanto para as iniciativas locais que lidam com esse problema.

“

Para lidar com os desafios da circulação da desinformação, o melhor momento foi quando tivemos um jornalzinho da nossa comunidade. Quando a gente começa a conversar com a nossa comunidade e não levamos a informação pronta, a gente faz a pessoa pensar junto. É a comunidade falando para a comunidade.”

**Edneia Aparecida de Souza**

Referência do Movimento Nacional de Luta pela Moradia - MNLM e do bairro Taquaril (região leste de Belo Horizonte), contemplada no edital Periferia Sem Fake.

“

A presença dos meninos (os MCs) foi fundamental para criar a conexão com os estudantes; os alunos se abriram e compartilharam histórias, boatos e fakes sobre candomblé, macumba, terreiro. A gente ter a oportunidade de conversar e confrontar diretamente foi muito bom para mostrar que muitas vezes eles estavam girando a roda do racismo, mesmo sem ter intenção.”

**Washington Luís**

Jornalista e Tateto na casa Reino de Nsumbo, contemplado no edital Periferia Sem Fake.

“

Antes existia um ‘oligopólio da desinformação’, com poucos canais de TV e jornais impressos. As TVs e jornais mostravam apenas o que queriam, ‘desinformando’ pela manipulação ou omissão de temas que não atendiam aos seus interesses políticos e econômicos. Hoje ainda continua assim, mas temos uma democratização da produção e do acesso à informação. Hoje, todo mundo pode criar facilmente uma desinformação no seu celular.”

**Júlio de Souza**

Associação de Educação e Cultura Flor do Cascalho, do Morro das Pedras (região oeste de Belo Horizonte).

Encontro de iniciativas selecionadas pelo Periferia Sem Fake. Juliano Antunes e Júnia Martins, do Observatório, Antônio Carlos Benvindo, do Instituto Cultural Semifusa, Evelyn Eduarda, do Desmitificando Benefícios Sociais; André Dit e DJ Renato Los Santos do Rima Viva Hip Hop Crew



# NOSSA ESCUTA EM NÚMEROS

**124** sendo **104** referências comunitárias e **20** contatos institucionais  
**articulações**

**96** referências comunitárias foram escutadas

**35** territórios de abrangência das escutas e ações realizadas

**74** referências comunitárias/instituições

participaram/ construíram ações junto com o Observatório

**Referências escutadas em cada campanha\*:**

**7** na Campanha Arrume seu Título

**18** na Campanha O Certo Pelo Nosso Teto

**8** na Campanha Eleições Municipais

**6** na Campanha Hip Hop

**21** na Campanha Público Cristão

**25** referências abordaram sobre desinformações relacionadas a gênero

**29** referências participaram do projeto Periferia Sem Fake

\*Algumas referências comunitárias foram ouvidas em mais de uma campanha.



## UM BALANÇO DO QUE OUVIMOS

Iniciamos nossa escuta em janeiro de 2024. Naquele momento, **nossa estratégia foi ligar para algumas referências comunitárias** já parceiras da AIC, com algumas perguntas pré-definidas que pudessem nos situar em como a desinformação aparece nos territórios: são percebidas notícias falsas? Por onde circulam? Abordam quais temas? Como são combatidas? O ponto de partida sempre foi valorizar o que já acontecia nos territórios, as práticas, saberes e experiências de comunicação comunitária já existentes e que poderiam nos ensinar. Afinal, historicamente, nosso papel não é chegar com uma solução pronta, mas fortalecer o que já vem sendo feito ou construir juntos novas possibilidades, considerando as especificidades de cada lugar.

Apesar de trazer importantes *insights*, essa escuta inicial apresentou algumas limitações. Abordar as referências comunitárias sobre o tema desinformação não rendeu conversas tão significativas como vimos durante a pandemia. Muitas vezes recebíamos respostas genéricas, dentro de um senso comum sobre a desinformação, com baixa adesão às perguntas colocadas. **Nossa estratégia foi então reformular as perguntas**, abordando inicialmente questões que sabíamos que as referências comunitárias tirariam de letra: o que faz o seu coletivo/entidade? Quais públicos contempla? Quais os principais problemas enfrentados? Estes problemas têm alguma relação com notícias falsas? A partir de questões que contemplavam o território e o trabalho de articulação social desempenhado pelas referências comunitárias, abordamos a desinformação. Então, **o material coletado começou a ser mais diverso e particular**: como problemas mais pungentes, as pessoas apontaram golpes e fake news envolvendo políticas públicas; trouxeram que a desinformação era amplamente usada para atacar grupos específicos, como as religiões de matriz africana; que a desinformação deixava as pessoas desprotegidas em relação à saúde, aos direitos das mulheres, ao direito à moradia e que era usada principalmente entre os jovens para difamar pessoas, praticar o *cyberbullying*, entre outros temas.

“

A turma tem acesso à internet e contato com a desinformação, mas, na maioria das vezes, não sabe o que é isso e os efeitos desse problema. Acho que seria interessante alguma oficina de contextualização para a comunidade.”

**Renato Amaral**

Integrante da Unidade Popular - UP e da Ocupação Paulo Freire (regional Barreiro de Belo Horizonte).

“

As rodas de conversas precisam ser nos territórios. É importante a comunidade ter uma referência de fonte confiável para esse combate à desinformação.”

**Patrícia Pinto**

Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias - Sabic.

“

Teve um dia aqui que apareceu uma senhora que viu nossa arte sobre a desinformação na parede e veio conversar com a gente de uma luta em um processo para religar a luz e a dificuldade de ter informação sobre a Cemig. Ela associou direto a ideia de combate à desinformação do nosso grafite com a dificuldade dela de comunicação com a Cemig. Então acho muito potente a arte na parede aqui na comunidade falando sobre isso, porque faz as pessoas associarem às questões que elas já vivem relacionadas ao acesso à informação segura. Nós pudemos até orientar ela a partir disso.”

**Lucas Rodrigues da Silva**

Coletivo Balaio, Favela da Mina (Ribeirão das Neves), contemplado no edital Periferia Sem Fake.

“

Uma das principais formas de controle social das minorias é a desinformação.”

**Flávio Dornas**

Coletivo Clã das Lobas, contemplado no edital Periferia Sem Fake, e dono do Hotel Magnífico (região central de Belo Horizonte).

Quando indagadas sobre o que fazer a respeito, **muitas referências comunitárias nos convidaram a ir aos territórios e a pensar em ações presenciais**. Foi aí que entendemos que **a comunicação remota não era suficiente para as trocas que gostaríamos de fazer**. Passamos a visitar as referências comunitárias pessoalmente, levando bolo e cafezinho e, assim, as conversas ganharam mais substância e acolhimento. A partir dessa abordagem, nosso próprio entendimento sobre a desinformação foi se complexificando e revelando sua conexão com diversas questões vivenciadas cotidianamente nos territórios. Juntos, entendemos que a desinformação é mais do que a circulação de notícias falsas, é também a informação que falta e que é suprimida.

Ao longo de todo o caminho, **as referências comunitárias nos apontaram que enfrentar a desinformação em seus territórios não poderia funcionar de fora para dentro**. Mais uma vez na história da AIC, pudemos perceber a importância do princípio basilar da comunicação comunitária: é essencial partir da realidade em que as pessoas vivem, das práticas e das redes já existentes, respeitando os saberes, as prioridades e as formas de organização de cada lugar. Por isso, a escuta foi, e continua sendo, nosso ponto de partida e de chegada.

# MAPA DE ESCUTAS

## E/OU AÇÕES DO OBSERVATÓRIO

### BELO HORIZONTE

#### BARREIRO

- 1. Barreiro de Cima**  
Igreja Batista Manancial do Barreiro
- 2. Independência**  
Rima Viva Hip Hop Crew
- 3. Distrito Industrial do Jatobá**  
Ocupação Paulo Freire/UP
- 4. Vale do Jatobá**  
Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias – Sabic

#### OESTE

- 5. Cabana do Pai Tomás**  
Instituto Terra Movimento de Luz  
Conecta Cabana
- 6. Betânia**  
Centro de Referência de Assistência Social Vila Betânia
- 7. Nova Granada**  
Associação do bairro Nova Granada e Jardim América
- 8. Morro das Pedras**  
Arautos do Gueto  
É Tudo Nosso  
Associação de Educação e Cultura Flor do Cascalho  
Projeto Romper  
Projeto Ullly

- 9. Vista Alegre**  
Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias – Sabic

#### CENTRO-SUL

- 10. Aglomerado da Serra**  
Projeto Itamar  
Mulheres da Quebrada
- 11. Centro**  
Clã das Lobas  
Hotel Magnífico  
Ocupação Maria do Arraial/ MLB
- 12. Barro Preto**  
Comunidade 2ª Igreja Presbiteriana da BH
- 13. Luxemburgo**  
Igreja Batista no Luxemburgo
- 14. Morro do Papagaio**  
Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos – Muquifu  
Eu Amo a Minha Quebrada (EAMQ)  
Centro de Defesa Coletiva (CDC) Papagaio

- 15. São Lucas**  
Comuna do Reino
- NOROESTE**
- 16. Pedreira Prado Lopes**  
Centro de Referencia de Assistência Social da Pedreira Prado Lopes  
Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos – MTD  
Associação de Cultura, Arte e Dança M.A

#### LESTE

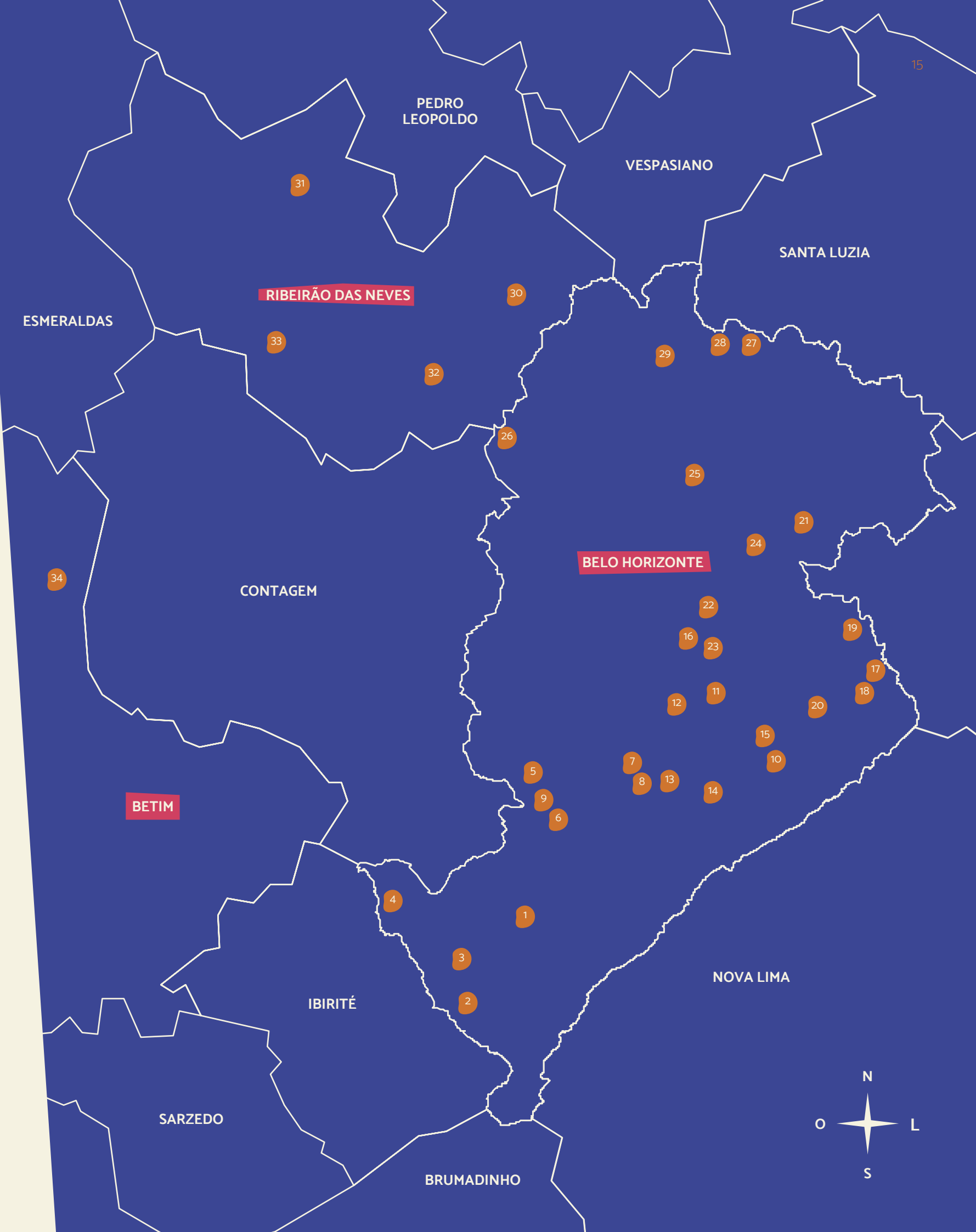
- 17. Granja de Freitas**  
Comunidade evangélica no Granja
- 18. Taquaril**  
Casa de Hip Hop Taquaril  
Movimento Comunitário do Taquaril
- 19. Mariano de Abreu**  
Associação Cominutária Mariano de Abreu
- 20. Paraíso**  
Quilombo Manzo  
Grupo Iúna
- NORDESTE**
- 21. Maria Goretti**  
Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias – Sabic

- 22. Renascença**  
Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias – Sabic
- 23. Lagoinha**  
Vila Lagoinha
- 24. São Paulo**  
Casa das Poesias
- PAMPULHA**
- 25. Vila Aeroporto**  
Igreja Batista El Shadday  
Matheus Martins
- 26. Nova Pampulha**  
Ocupação Dandara  
Cursinho Popular Dandara
- NORTE**
- 27. Zilah Spósito**  
Movimento Autônomo do Zilah  
Escola Municipal Prof. Daniel Alvarenga  
Ocupação Izidora
- 28. Jaqueline**  
Ora-Pro-Nobis (Ocupação Vila Nova)
- VENDA NOVA**
- 29. Minas Caixa**  
Batalha Minas Caixa

### CIDADES PRÓXIMAS (RMBH)

- RIBEIRÃO DAS NEVES**
- 30. Favela da Mina**  
Associação Sociocultural Balaio
- 31. Sevilha**  
Batalha da Sbala – Togau  
Instituto Cultural Semifusa
- 32. Justinópolis**  
Associação Nevense de Educação e Cultura – ANEDUC
- 33. Vale das Acácias**  
Instituto Circula Libras
- BETIM**
- 34. Icaivera**  
Projeto Kamugenan
- MATOZINHOS (35º território)**  
Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário  
A Rua é Nossa

- ENTIDADES NÃO TERRITORIALIZADAS OU COM VÍNCULOS EM VÁRIOS TERRITÓRIOS**  
Centro Nacional de Africanidade e Resistência Afro-brasileira – Cenarab;  
Observatório de Ribeirão das Neves; Coletivo Cio da Terra; Coletivo Alvorada; Projeto Inclusive Luísa; Fórum das Juventudes da Grande BH; Movimento Nacional de Luta pela Moradia – MNLM; Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Interagindo; Brigadas Populares; Centro de Estudos Bíblicos – CEBI; Evangelicxs; Arquidiocese de BH; Reino em Pessoa; União da Juventude Socialista – UJS; Projeto Geloteca; Circula Libras; Família de Rua; Comunicadores do Vale; Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente – Cededica; Instituto de Referência em Internet e Sociedadade – IRIS; Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania – MDHC; Gavião Digital; Observatório das Eleições; Observatório da Desinformação; Quid; Aláfia-Lab; Periferia Que Fala; Teia de Criadores; Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais; Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – Unesco.





# LAMPEJOS SOBRE O ENFRENTAMENTO DA DESINFORMAÇÃO

Sem dúvida, o monitoramento de redes sociais e a pesquisa quantitativa sobre a desinformação é de grande importância para para enfrentá-la. Ações dessa natureza têm sido realizadas com rigor por universidades e instituições em todo o país, valendo-se de alta tecnologia na coleta e análise de dados. Contudo, **o que nos moveu desde o início foi a possibilidade de aprender sobre o tema com as articulações reais e possíveis nos territórios periféricos em que atuamos**, e são esses aprendizados as principais contribuições que nossa experiência pode trazer ao debate. Para organizá-los, procuramos aqui, nos termos de Ricardo Fabrino\*, apresentar uma **cartografia de lampejos**. **Cartografia** porque nos lançamos a experimentar diferentes caminhos, compreendendo que os fluxos da desinformação, dinâmicos e multidirecionais, precisam ser lidos em seus movimentos. **Lampejos** porque, no caminho, fomos identificando revelações, que não vieram necessariamente de um acúmulo progressivo de informações, mas sim de estalos que irromperam e nos fizeram reorganizar nosso entendimento sobre o enfrentamento da desinformação de forma geral. Sintetizamos nossos principais aprendizados nos **cinco lampejos** a seguir:

\*Ricardo Fabrino Mendonça é coordenador do Margem, Grupo de Pesquisa em Democracia e Justiça da UFMG, idealizador e parceiro do Observatório Participativo da Desinformação.

Isadora Liliane Souza, do Dá Ideia, na campanha contra Golpes Cibernéticos no Aglomerado da Serra



## OS MEIOS DIGITAIS NÃO SÃO SUFICIENTES PARA ENFRENTAR A DESINFORMAÇÃO

Temos um consenso sobre o quanto as novas tecnologias de comunicação e as redes sociais estão diretamente relacionadas à desinformação. Afinal, a desinformação sempre existiu, mas não no volume, na velocidade ou na forma que vemos hoje, a partir do uso de redes sociais, robôs e algoritmos. No entanto, a circulação da desinformação não se limita ao ambiente digital ou às redes sociais, ela transborda. Trata-se de um fenômeno mais amplo e complexo, que atravessa os modos de vida, as relações sociais e os contextos de cada território. O virtual e o presencial se relacionam constantemente, e muitas vezes o que circula nas redes sociais ganha credibilidade por vir de pessoas ou grupos que já mantêm vínculos presenciais no cotidiano. Ou seja, as redes digitais reproduzem e fortalecem as redes de confiança do território, contribuindo para que determinadas narrativas, verdadeiras ou não, circulem livremente.

Se a circulação de desinformação não ocorre de maneira independente e desconectada das redes territoriais, comunidades e espaços presenciais, o seu enfrentamento também não pode se limitar ao digital. Percebemos, nas escutas, a importância de relacionar essas redes com a atuação de referências comunitárias que exercem um papel ativo de mediação de informações diante dos problemas de acesso a direitos básicos. Soluções baseadas apenas na regulação de plataformas digitais ou na checagem de informações, produções de conteúdo feita por fontes distantes da realidade local não são suficientes. É importante articular ações que considerem os atravessamentos e as dinâmicas locais de produção e circulação de informações/desinformações.

“A desinformação passa exatamente pelos mesmos meios que a informação. No whatsapp tem informação? Então tem desinformação também. Na pista de skate a gente troca informação? Então a gente pode acabar trocando desinformação também.”

Felipe Fernandes de Carvalho  
Rima Viva, contemplado no Periferia Sem Fake.

“Não é todo mundo que usa o celular. Idosos, principalmente, têm mais dificuldade. Mas a desinformação vai mesmo assim pelo boca a boca, e aí é pior.”

Rosemary Costa Barros de Oliveira  
Vice-presidenta da Associação Comunitária Mariano de Abreu.

“O avanço de fake news dentro da ocupação vem principalmente através das redes sociais e vai passando de boca em boca.”

Pablo Lira  
Cursinho Popular Dandara, Ocupação Dandara (região da Pampulha, noroeste de Belo Horizonte).

OS VÍNCULOS DE CONFIANÇA TERRITORIAIS SÃO MUITO IMPORTANTES PARA AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO

Boa parte da literatura sobre o tema já indica os limites da checagem de informações (que muitas vezes pode ser enviesada) no combate à desinformação e relacionam a chamada pós-verdade (quando apelos à emoção e crenças pessoais contam mais do que os fatos) a uma crise de confiança mais ampla, que envolve o jornalismo, a ciência, a democracia e os especialistas de forma geral. Diante desse contexto instável, a importância dos vínculos de confiança locais merecem ainda mais atenção. É, principalmente, por meio deles que as informações (e desinformações) circulam e as pessoas validam o que leem, escutam ou compartilham. Tanto a informação quanto a desinformação se espalham a partir dessas redes formadas por laços territoriais e digitais.

Nos territórios periféricos, o acesso à informação sobre políticas públicas e benefícios sociais apareceu nas escutas frequentemente como limitado, confuso e inacessível. Com isso, as redes locais de confiança assumem um papel central na mediação da informação relacionada a direitos básicos da população. Quando alguém recebe uma informação, não é apenas o conteúdo que importa, mas quem diz, onde diz e em que contexto. Com frequência, escutamos de referências locais que outros moradores as consultaram para saber se determinada informação era verdadeira ou não, se era ou não um golpe, ou em quem elas deveriam votar nas eleições municipais. Isso aparece de forma ainda mais ampliada quando diz respeito a questões territoriais mais urgentes e relevantes na vida da comunidade, como em casos de disputas territoriais, reintegrações de posse ou outras questões de maior impacto local.

“Muitas pessoas tiram dúvidas comigo, me procuram para saber minha opinião e se uma notícia é verdadeira ou não. Nas eleições, me paravam para perguntar em quem eu ia votar.”

Eliete Jesus

Projeto Uly, Morro das Pedras (região oeste de Belo Horizonte), contemplada no edital Periferia Sem Fake.

“Através principalmente de um vínculo de solidariedade que a gente já tinha aqui na comunidade, a mobilização foi facilitada. As pessoas já conheciam a gente e estavam dispostas a conversar sobre o tema.”

Artur Colito

Movimento Brasil Popular, aprovado no edital Periferia Sem Fake para execução na vila Mariano de Abreu.

“As pessoas sempre tiram dúvidas e checam informações comigo.”

Júlio Fessô

Eu Amo a Minha Quebrada, Morro do Papagaio (região sul de Belo Horizonte).

“Só sair entregando um material, ninguém vai ler! A gente precisa sentar e conversar sobre o assunto antes para despertar o interesse. (...) Você só vai acreditar numa pessoa se você sentar e comer com ela.”

Jutthay Nogueira

Casa Acolher e Projeto Romper, Morro das Pedras (região oeste de Belo Horizonte).

“As desinformações circulam muito pelo boca-a-boca e eu faço um trabalho nesse enfrentamento, seja distribuindo materiais da Defensoria Pública, conversando com as mulheres sobre seus direitos e na busca ativa de informações que dizem respeito ao Cabana.”

Rosa Inês Silva

Referência no Cabana do Pai Tomás (região oeste de Belo Horizonte).

“O Clã das Lobas tem uma reputação boa. É a nossa credibilidade que fazia elas acreditarem no que estávamos fazendo. Algumas desconfiavam um pouco, mas não confrontavam.”

Maria de Fátima Muniz (Jade)

Coletivo Clã das Lobas (região central de Belo Horizonte), contemplado no edital Periferia Sem Fake.

“Se fake news fosse doença, o Cabana estava no CTI (...). O enfrentamento das fakes no período eleitoral é muito difícil, porque as pessoas sempre pensam que você está atacando o candidato deles e gera muita confusão e perseguição.”

Lorrayne Batista

Conecta Cabana, Cabana do Pai Tomás (região oeste de Belo Horizonte), contemplada no edital Periferia Sem Fake.

“A mobilização da população se dá a partir de fatos específicos. Então, elas só se engajam no tema quando tem algo relacionado a utilidade pública direta, por exemplo, se algum posto adultera gasolina, aí todo mundo quer saber. O golpe do Pix também é um tema que engaja, o golpe do falso boleto. Essas coisas fazem muita gente vir perguntar, ler, questionar. Questões de impacto menos imediato não mobilizam. Tanto o enfrentamento da desinformação, como a própria desinformação se espalham pela urgência das pessoas em saberem de conteúdos de utilidade pública.”

Antônio Carlos Silva Benvindo

Jornalista do portal <https://ribeiraodasneves.net/>, do Instituto Cultural Semifusa, contemplado no edital Periferia sem Fake.

A POSSIBILIDADE DE MOBILIZAR PARA O ENFRENTAMENTO DA DESINFORMAÇÃO É MAIOR QUANDO ELA ESTÁ RELACIONADA DIRETAMENTE AO ACESSO A DIREITOS SOCIAIS

O Observatório surgiu a partir da demanda de alguns grupos, num contexto em que os impactos das chamadas fake news relacionavam-se diretamente com a vida ou a morte das pessoas nas comunidades e com as medidas de prevenção da Covid-19. Embora a desinformação continue oferecendo sérios riscos e ocupe o topo das preocupações de cientistas ao redor do mundo, seus efeitos imediatos já não são tão nítidos. Mais do que isso, após esses anos, o tema já parece ter uma certa rejeição, tanto por ser utilizado como um repertório de ação política, como por estar constantemente associado à polarização política nacional.

Muitas vezes, as referências comunitárias nos trouxeram a importância de associar as ações propostas pelo Observatório a outras questões relacionadas a necessidades diretas da população local, para abrir o debate. Os temas sugeridos passaram pela proteção das crianças que passam muito tempo no celular sem monitoramento, os mitos e verdades sobre a pensão alimentícia para mães solo, informações seguras sobre os benefícios sociais do CadÚnico, tira-dúvidas sobre o Minha Casa Minha Vida e o direito à moradia digna, entre outros. Durante a campanha para as eleições municipais, ficamos surpresos ao identificarmos que as questões que mais mobilizaram dúvidas e discussões nos territórios em que estivemos eram “o que poderia ou não ser prometido por um candidato” e “o que podem fazer prefeitos e vereadores por nós” e não as controvérsias relacionadas à segurança das urnas, que pipocam nos noticiários e no discurso político.

Não se trata aqui de abandonar o enfrentamento da desinformação relativa a questões de impacto menos imediato. A desinformação sobre as urnas eletrônicas, por exemplo, pode não ter aparecido como a principal dúvida das pessoas, mas sabe-se o quanto ela é grave para os direitos mais básicos da população a longo prazo. Trata-se somente da constatação: quando as notícias falsas ou as meias verdades atravessam necessidades práticas da população e afetam a forma como as pessoas acessam ou interpretam seus direitos, o engajamento muda, e isso deve ser considerado nas próprias estratégias de contra-desinformação.

## AS DEFICIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA NA PERIFERIA TORNAM O AMBIENTE INFORMACIONAL ESPECIALMENTE FÉRTIL PARA A DESINFORMAÇÃO

Muitas referências comunitárias que escutamos se queixaram da ineficiência da comunicação pública, produzida por instituições públicas, em seus territórios e apontaram que o enfrentamento da desinformação depende diretamente da circulação de informações oficiais de forma mais clara, acessível e precisa. Informações sobre acesso a direitos e a benefícios sociais chegam incompletas ou com linguagem confusa, inacessível, fragmentada e, muitas delas, com o acesso apenas por plataformas digitais. Esse cenário desconsidera pessoas que não têm acesso ou familiaridade com a internet, que têm dificuldade com uma linguagem mais formal, inviabilizando a compreensão de informações e as complexas especificidades, como aquelas para entrar no Minha Casa Minha Vida ou o fazer o Título Eleitoral.

Assim, muitas pessoas deixam de acessar serviços, equipamentos e políticas públicas ou caem em golpes que se aproveitam desse cenário de confusão. A ausência de uma comunicação dirigida e acessível sobre os direitos deixa a população em um estado de incerteza generalizado, contribuindo não só para a crise de confiança das instituições, mas para a vulnerabilidade da população diante de relações clientelistas e de uma visão distorcida da própria cidadania. Para enfrentar esse problema, é preciso repensar a comunicação pública nesse contexto de infodemia e de relações sociais baseadas unicamente no contexto digital, tornando-a menos fragmentada, mais inclusiva, próxima dos territórios e alinhada às dinâmicas de comunicação e linguagens próprias desses locais.



VEJA O INSTAGRAM DO JU DO BOLSA!



E SAIBA MAIS AQUI SOBRE O PROJETO!

Uma iniciativa interessante para enfrentar esse problema é a Ju do Bolsa, uma Inteligência Artificial que responde, em linguagem acessível, dúvidas sobre os benefícios da assistência social. O Observatório fez uma ação junto à Ju do Bolsa e ao Centro de Defesa Coletiva do Morro do Papagaio no território para popularizar essa ferramenta entre os beneficiários do cadÚnico.

“

Muita desinformação relacionada à política pública, ao auxílio e às obras públicas. O caso da Copasa, por exemplo, quando passou a mandar pro Morro a água tratada, teve muita desinformação de que a água que chegaria era suja. Tivemos de chamar a Copasa pra desmentir e conversar com as pessoas.”

**Jutthay Nogueira**

Casa Acolher e Projeto Romper, Morro das Pedras (região oeste de Belo Horizonte).

“

O ‘telefone sem fio’ das informações vindas da prefeitura e poder público abre espaço para a desinformação.”

**Laudilene Fernanda**

Projeto Itamar, Aglomerado da Serra (região sul de Belo Horizonte).

“

Grande parte dos moradores desconhece seus direitos, o que contribui para a normalização de violações, como invasões policiais nas casas sem mandado judicial. A proposta do Conecta Cabana, portanto, é atuar como instrumento de proteção e conscientização para a população local.”

**Lorrayne Batista**

Conecta Cabana, Cabana do Pai Tomás (região oeste de Belo Horizonte), contemplada no edital Periferia Sem Fake.

“

Dificuldade no acesso à saúde. Acessos simples, como renovar receita, muitas pessoas não sabem fazer. O acesso às informações governamentais, no perfil Gov.br ou pelo telecentro do CRAS, as pessoas também não utilizam por não saberem. A carência de informação é de tudo, com uma comunicação do Governo de ‘cima pra baixo’ (...). Assim, as pessoas acabam perdendo recursos que são direito delas, porque, muitas vezes, não sabem pedir.”

**Elaine Pinheiro**

Centro de Defesa Coletiva, Morro do Papagaio (região sul de Belo Horizonte).

“

Pessoas, muitas vezes com nível de vulnerabilidade e de escolaridade muito baixo, têm dificuldade de entender os critérios e especificidades dos benefícios, que já são complexos. Além disso, muitos são analfabetos digitais ou não têm um celular para fazer uma das etapas importantes para acessar informações no Gov.br, que é o reconhecimento facial. Quanto mais difícil é esse processo, menos pessoas acessam e menos direitos são garantidos.”

**Iara Simone**

Assistente social do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS Vila Betânia (região oeste de Belo Horizonte).

“

Muitos jovens e moradores não sabem dos seus direitos e ficam vulneráveis a essas violências e desinformações.”

**Ângela da Silva Juscelino**

Espaço Social e Cultural É Tudo Nosso, Morro das Pedras (região oeste de Belo Horizonte).

“

Demandas comunitárias chegam pela metade por uma comunicação pública ruim, o que abre espaço para especulações e mentiras. Além de repercussões sensacionalistas de crimes.”

**Sandro Alves**

Casa do Hip Hop Taquaril (região leste de Belo Horizonte).

“

Com a dificuldade de circulação das notícias da mídia tradicional na Ocupação Dandara, as fake news têm maior facilidade para difundir. A maior concentração de notícias falsas é sobre políticas públicas e ações do poder público(...). É só acontecer algo no território, que surgem notícias falsas sobre.”

**Pablo Lira**

Cursinho Popular Dandara, Ocupação Dandara (região da Pampulha, noroeste de Belo Horizonte).



## BOA PARTE DA DESINFORMAÇÃO SE DIFUNDE PELA CONSONÂNCIA COM ASPECTOS CULTURAIS MAIS PROFUNDOS

Muito da desinformação que circula nos territórios ganha repercussão por estar relacionada a discursos enraizados culturalmente. Inverdades utilizadas para atacar diretamente grupos já impactados com o racismo, a intolerância religiosa, a LGBTfobia e a misoginia são mais difíceis de serem combatidos por integrarem um quadro coletivo naturalizado socialmente. Atuar de forma ampla para desnaturalizar esses discursos aparece nas escutas como o melhor caminho. Desmentir uma ou outra informação sobre esses temas não basta, pois a mesma estrutura vai referendar a próxima desinformação sobre o mesmo tema, atacando o mesmo grupo.

Nesse sentido, muitos líderes religiosos apontaram que leituras distorcidas e descontextualizadas da Bíblia, alinhadas a discursos religiosos fundamentalistas, servem como uma âncora para uma série de mentiras contra determinados grupos: desde ataques à comunidade LGBT e às religiões de matriz africana, à juventude negra e até a desacreditação da Lei Maria da Penha, com base em um ideal de mulher submissa. Muitos desses discursos são apresentados como ‘verdade absoluta’ sob a justificativa da fé e a defesa da ‘moral e dos valores cristãos’. Assim, passam a circular com mais força e menos questionamentos nas redes de confiança, sobretudo naquelas vinculadas às comunidades religiosas fundamentalistas.

Por isso, o enfrentamento da desinformação relacionada a esses grupos e a esses temas demanda estratégias que reconheçam essas estruturas culturais. Não se trata apenas de lidar com a desinformação que circula, mas de disputar narrativas e sentidos dentro das próprias redes de confiança dos territórios.

“A figura de Satanás não deve ser entendida como algo externo, mas como uma representação dos conflitos e contradições internas do ser humano. O uso dessa figura é feito por muitos para justificar preconceitos, especialmente contra religiões de matriz africana e outras tradições não cristãs. Precisamos fortalecer o respeito e o diálogo inter-religioso para a desconstrução de discursos intolerantes.”

**Pastor Jorge Eduardo Diniz**

2ª Igreja Presbiteriana de BH, Barro Preto (região centro-sul de Belo Horizonte).

“A maior desinformação é a leitura da Bíblia, porque ela é castradora quando vem de uma leitura sem contexto.”

**Pastor Filipe Gíbram**

Comuna do Reino, São Lucas (região leste de Belo Horizonte).

“Jesus falava: ‘Venha como está’. Nada mais avesso ao evangélico que reprime o diferente (homossexuais) (...). As pautas morais e da família aproximam as igrejas dos fiéis, principalmente no contexto da periferia.”

**Pastor Paulo Henrique**

Associação Atos.

“As comunidades tradicionais sofrem, principalmente, com informações falsas relacionadas ao racismo e ao racismo religioso. Ataques sistemáticos às religiões e costumes de matriz africana associam a cultura a aspectos negativos e incentivam a violência.”

**Makota Celinha**

Centro Nacional de Africanidade e Resistência  
Afro-Brasileira - Cenarab.

“As mulheres se culpam, chegam a falar que eles (os agressores) gostam delas, que foram elas que deixaram eles nervosos. Eu chamo alguns desses caras para conversar e a justificativa das agressões são absurdas. Eles tratam elas como objetos e não têm vergonha de falar. Já tá na cultura já... é a violência normalizada.”

**Rosa Inês Silva**

Referência no Cabana do Pai Tomás  
(região oeste de Belo Horizonte).

“Desinformação não é de agora. Tem 500 anos de apagamento e mentiras para serem combatidas sobre a história da África e do povo preto (...). Mas esse processo precisa ser sentido nos processos corporais da capoeira e vivências ancestrais, nos rituais de encontro, conversas, religiosidades, entre outras manifestações culturais africanas. O apagamento disso causa a desinformação e a violência.”

**Mestre Primo**

Grupo Iúna (região leste de Belo Horizonte).

“Muitas profissionais do sexo acreditam que não têm direitos por trabalharem na prostituição. Com isso, a grande maioria dessas mulheres têm seus direitos violados, não tendo acesso a aposentadoria, serviços do SUS e outros serviços públicos.”

**Lorena Paiva**

Clã das Lobas (região central de Belo Horizonte), contemplada no edital Periferia Sem Fake.



Ação de contra-desinformação sobre o racismo religioso e o Hip Hop em Icaivera, Ribeirão das Neves

## INICIATIVAS

Nesta seção, reunimos modos coletivos, colaborativos e criativos de combater a desinformação, que promovemos ou fortalecemos, e que contribuíram para a criação de novos caminhos de enfrentamento do problema.

# DÁ IDEIA

## JUVENTUDE PERIFÉRICA A POSTOS

Uma das frentes de atuação do Observatório Participativo da Desinformação foi o **Dá Ideia, formação de 240h sobre desinformação, comunicação e direitos humanos voltada a 12 jovens de quatro periferias de Belo Horizonte e Região Metropolitana**. Foram vozes vindas do Morro do Papagaio, Aglomerado da Serra, Pedreira Prado Lopes e Ribeirão das Neves, que se reuniram para **aprender, pensar, criar e agir contra a desinformação** a partir das vivências e saberes de seus territórios.

O grupo teve encontros semanais com profissionais de várias áreas para pensar a relação entre a desinformação, os seus territórios e a cidadania. Como parte da formação, **realizaram campanhas, fizeram ações presenciais e digitais e se formaram comunicadores locais**. O Dá Ideia foi espaço de escuta, formação crítica e produção de ações que fortaleceram o protagonismo juvenil e a comunicação comunitária.

“

O Dá Ideia me ajudou a enxergar a desinformação de uma outra forma. É um assunto bem mais abrangente do que simplesmente não saber alguma coisa. E aí eu acho que eu tenho que levar informação pra minha comunidade agora e ajudar o pessoal a não ser lesado, seja por um golpe financeiro, seja por uma notícia mentirosa.”

**Caroline Messias da Silva**

Integrante do Dá Ideia e posteriormente do Núcleo de Criação do Observatório.

“

Faço parte do Observatório desde o final de 2023, mas parece que já tem muitos anos pelo tamanho do crescimento que eu tive, tanto profissional, quanto pessoal. Estou muito mais atenta às informações que chegam. Quando uma notícia chega, já consigo identificar: ‘olha, isso aqui é muito sensacionalista, isso aqui não é bem assim’, coisas que antes do projeto eu não fazia. No âmbito profissional, sinto-me com muito mais propriedade sobre o que sei e o que não sei.”

**Sthefanny Barbosa**

Integrante do Dá Ideia e posteriormente do Núcleo de Criação do Observatório.

Ketley Daianny dos Santos, Júnia Martins, Ana Carolina Monteiro, Sofia Alves, Tiago Henrique Lopes, Sthefanny Barbosa, Juliano Antunes, Caroline Messias, Davi Clarindo de Souza, Raissa Fernanda Lopes, Julio César Evaristo dos Santos, Mateus Canela, Luiza Avelar



# CAMPANHAS

## GOLPES CIBERNÉTICOS

Nossa primeira campanha foi protagonizada pelo Dá Ideia. Surgiu de um processo de monitoramento realizado nos grupos de WhatsApp dos quatro territórios contemplados pelo Dá Ideia (Morro do Papagaio, Aglomerado da Serra, Pedreira Prado Lopes e Ribeirão das Neves), além da preocupação dos próprios jovens em relação à circulação de golpes envolvendo bancos, FGTS, Bolsa Família, Vale Gás e o famoso “Urubu do Pix” nesses territórios. A partir desse monitoramento, compreendemos que os golpes atingiam públicos diversos, desde crianças, por meio de jogos online, até idosos, com mensagens enganosas sobre benefícios sociais. Diante desse cenário, **o desafio foi construir ações eficazes de enfrentamento, adaptadas a diferentes faixas etárias e realidades**.

Desenvolvemos a campanha **utilizando diferentes linguagens e canais de comunicação para abordar estratégias de segurança cibernética contra golpes**. No digital, criamos figurinhas com o personagem do “Urubu do Pix”, posts e vídeos educativos nas redes sociais, com materiais de esclarecimento para as comunidades. No presencial, tivemos nossa primeira experiência de ação na escola, panfletagens e colagem de cartazes nas ruas de três territórios. Com essas estratégias, buscamos **abordar os riscos das armadilhas digitais e ampliar o debate sobre segurança digital**, fortalecendo o senso crítico da comunidade frente às desinformações cotidianas.

“

Analfabetismo digital nas comunidades e das pessoas mais velhas. A estratégia da comunicação das notícias falsas é pouco texto, letras grandes e em destaque, que vai de encontro com a cultura do brasileiro de pouca leitura. Tem muito golpe circulando com essa linguagem. Os materiais de contra-desinformação precisam conversar com essa estratégia.”

**Júlio Fessô**

Eu Amo a Minha Quebrada, no Morro do Papagaio (região sul de Belo Horizonte).

“

Muitos golpes sobre benefícios sociais. Casos de pessoas que se vestem com o colete do CRAS da Prefeitura e passam nas casas, principalmente de pessoas idosas, falando que estão recolhendo dados importantes para o recebimento dos benefícios. Elas fazem o reconhecimento facial das pessoas, acessam o Gov.br e roubam os benefícios, os dados.”

**Regiane Rodrigues de Souza**

Coordenadora do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS Vila Betânia (região oeste de Belo Horizonte).

“

Existe a dificuldade de leitura nas comunidades e isso aumenta muito a incidência de golpes. A ação precisa ser corpo a corpo, porque na Assistência Social eu percebo que o analfabetismo e o analfabetismo funcional afetam muito esse cenário. A questão é muito cultural e acredito que a informação é um passo essencial para diminuir a desigualdade.”

**Elaine Pinheiro**

Centro de Defesa Coletiva, Morro do Papagaio (região sul de Belo Horizonte).



## TÍTULO E ELEIÇÕES

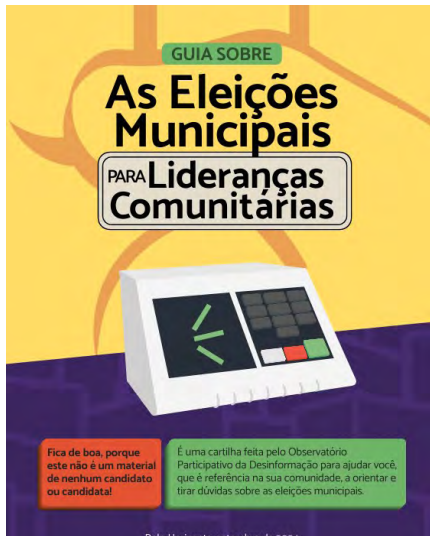
Quando se fala nos **riscos da desinformação para a democracia, é impossível não pensar no estrago que ela tem causado nos processos eleitorais**. Diante disso, o Observatório, logo em seu início, se propôs a articular com sua rede de referências comunitárias ações voltadas para as eleições municipais de 2024. Em abril e maio daquele ano, fizemos a campanha **Arrume Seu Título**, junto com a Teia de Criadores\*, entendendo que o prazo para tirar ou regularizar o título já era uma oportunidade para abordar o tema. Após um processo de conversa com os jovens do Dá Ideia e uma escuta qualificada sobre o tema com algumas referências comunitárias, compreendemos que quase não havia mobilizações da juventude periférica para a regularização do título e a grande maioria apontava uma descrença generalizada no processo eleitoral.

Fizemos a campanha **reunindo uma série de atores sob o bordão #arrumeseutítulo**, sempre conectando a eleição a outras demandas cidadãos pela saúde, cultura e pelo próprio território da quebrada. Foram feitas dezenas de vídeos nos quais referências comunitárias, influenciadores e grupos de cultura local deram a palavra.

Em setembro do mesmo ano, foi hora de encarar de frente o processo eleitoral. Como a desinformação sobre as urnas eletrônicas dominou a pauta na eleição anterior e já aparecia no noticiário dessa época, nossa expectativa era que este seria o tema central que apareceria na escuta com as referências comunitárias. No entanto, para a nossa surpresa, as controvérsias sobre as urnas apareceram, mas sem qualquer protagonismo. **A principal demanda trazida pelas referências girava em torno da falta da integridade informacional relacionada às eleições. Ou seja, há uma enorme dificuldade de obtenção de informações integrais, completas e confiáveis sobre o processo eleitoral e sobre os candidatos, o que torna a população vulnerável à desinformação, ao assédio eleitoral, à compra de votos e a promessas impossíveis.** Afinal, o que pode ou não fazer um prefeito e um vereador? Para que servem os partidos? Como é feita a contagem dos votos? E que história é essa de votar em uma bandeira?\*\*

Outra questão interessante trazida pelas referências foi que **no período de campanha eleitoral, elas eram muito procuradas para esclarecer sobre o funcionamento das eleições** e, muitas vezes, não sabiam explicar. Então, desenvolvemos **materiais impressos e digitais** para orientar as referências e apoiá-las na realização de ações presenciais.

\*A Teia de Criadores é uma agência social de comunicação que conecta e apoia projetos de criadores de conteúdo em Minas Gerais. Para conhecer, acesse: <https://teiadecriadores.com/>



VEJA AQUI A NOSSA CARTILHA!

\*\*Em 2024, Belo Horizonte votou por uma nova bandeira, além de eleger prefeito e vereadores.

“

Seriam interessantes materiais que informem sobre a função dos políticos, o tempo de mandato, as suas responsabilidades e as formas como a população pode cobrar do poder público. Desconstruir a imagem da Câmara como lugar inacessível, e sim como um local para cobrar, aberto à comunidade e que tem espaços de participação, como as audiências públicas.”

**Laudilene Fernanda**  
Projeto Itamar, Aglomerado da Serra (região sul de Belo Horizonte).

“

Os candidatos fazem várias promessas nessa época do ano, usando da confusão das pessoas sobre a função dos poderes e suas atribuições.”

**Munish**  
Coletivo Alvorada.

“

Então, falando especificamente da minha comunidade, existem dois tipos de juventude, né? A juventude que é um pouco mais inteirada, que é um pouco mais politizada, e tem uma juventude que é inteirada, tem acesso às informações, mas que não é politizada. E esse último perfil de juventude é a grande maioria, infelizmente, sabe? Então, assim, não tenho percebido uma movimentação intensa em prol de tirar o título de eleitor. A juventude não está comentando sobre isso e ainda não chegaram campanhas fortes dentro da sociedade para poder ampliar, divulgar e intensificar a importância desse período de poder tirar o título de eleitor. Mas não só tirar o título de eleitor, como também participar desse processo democrático que é um direito nosso, sabe?”

**Sandro Alves**  
Casa do Hip Hop Taquaril (região leste de Belo Horizonte).



ASSISTA AQUI O VÍDEO!

Evelyn Eduarda dos Reis e Ketley Daianny dos Santos Alves de Oliveira, duas jovens participantes do Dá Ideia, em vídeo para incentivar a regularização do título eleitoral.





## DIREITO À MORADIA DIGNA

Entre as duas campanhas de assuntos eleitorais, outro tema estritamente relacionado à cidadania ocupou as ações do Observatório: o **direito à moradia digna**. Tido por muitos como a porta de entrada para os demais direitos, o direito à moradia é alvo das mais distintas desinformações: **desde golpes do Minha Casa Minha Vida, notícias falsas criminalizando movimentos sociais e ocupações urbanas, até o apagamento da história da ocupação das nossas cidades**. Muitas referências comunitárias com as quais atuamos apontaram esse tema, além da percepção dos próprios jovens do Dá Ideia, que identificaram nele um dos grandes impactos da desinformação nas populações periféricas. Após uma análise coletiva, **identificamos que as desinformações sobre o tema visavam, via de regra, deslegitimar a luta pela moradia digna**, um direito previsto, mas nunca efetivado. Se a desinformação tinha esse objetivo, nós deveríamos atuar não apenas na checagem de informações, mas na construção de materiais que minassem essa deslegitimação.

Fizemos duas reuniões para ouvir as referências mapeadas e planejamos a campanha sob o slogan **O Certo pelo Nosso Teto**, que contou com a gravação de podcasts com referências dessa luta; plantões de tira-dúvida sobre o Minha Casa Minha Vida nos territórios; construção de um mural em cinco comunidades com o objetivo de trazer a memória contra a desinformação; sessões de cinema sobre o tema da moradia e alguns conteúdos digitais sobre a questão.



OUÇA AQUI O DÁ IDEIA- CAST!

Mural da campanha o Certo Pelo Nosso Teto no Centro de Defesa Coletiva do Morro do Papagaio



“

A Vila Nova, todo ano de eleição, é ameaçada de ser desapropriada. Há um processo na justiça, mas existe uma grande dificuldade de acesso à informação sobre ele, tanto pela linguagem, quanto pelo processo jurídico. Em toda disputa eleitoral, essa situação é usada para manipular e ludibriar os moradores, que temem ser despejados.”

Isabelle Chagas

Projeto Ora-pro-nobis, da Ocupação Vila Nova no Bairro Jaqueline (região norte de Belo Horizonte).

“

Apesar da Pedreira ser uma das favelas mais antigas, existia muita pouca informação sobre o território e sempre uma ameaça de que iam tomar ele da gente. Por isso, comecei a entrevistar os moradores mais antigos do território e escrever a história da comunidade.”

Valéria Borges

Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos - MTD da Ocupação Pátria Livre na Pedreira Prado Lopes (região noroeste de Belo Horizonte).

“

Não invadi e sim comprei minha casa. Mas essas pessoas se esquecem que alguém chegou antes e conquistou esse espaço em um processo de ocupação e que nosso território ainda está em disputa para ser reconhecido. O trabalho de informar essas pessoas é muito importante.”

Edna Gonçalves Souza

Ocupação Izidora (região norte de Belo Horizonte).

“

Aqui em Pedra Azul, as eleições, a pandemia e a enxurrada de fake news fizeram aumentar muito o descrédito daqueles que lutam por direitos humanos, como movimentos sociais e partidos de esquerda.

Percebo uma certa ‘criminalização’ desses movimentos, associando eles a polarização política ou a notícias falsas da vida particular das pessoas.”

Will Nascimento

Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do Vale do Jequitinhonha - Cededica, no Vale do Jequitinhonha (MG).



Marcos Landa, do Movimento Nacional de Luta pela Moradia - MNLM, Thiago Henrique Lopes, Fernanda Teixeira, da Associação Nenseve de Educação e Cultura, Sthefanny Barbosa, Ana Carolina Monteiro. Gravação do mesa cast



## HIP HOP

Para trabalhar **diretamente com o público jovem**, escolhemos conhecer como a desinformação está presente no movimento Hip Hop e como ele poderia fazer frente a esse problema. Há diversas batalhas de Hip Hop na Região Metropolitana de Belo Horizonte e este é também um espaço de vivência comum entre os jovens bolsistas do Núcleo de Criação do Observatório.

Partimos para a escuta de MCs, produtores e grafiteiros da região que nos revelou que a desinformação **contribui para o preconceito e tentativas de marginalização da cultura Hip Hop, além de inibir e dificultar o acesso a políticas públicas culturais, financiamentos públicos e outras formas de subsistência**. Mais do que isso, eles nos trouxeram que esse movimento cultural possui um histórico papel de formação política, produção e divulgação de conhecimento nas quebradas e que, portanto, **deveria se organizar para combater a desinformação com suas linguagens e perspectivas**.

Em parceria com a Casa Semifusa (Ribeirão das Neves) e com Togau MC, Roklion, Adam Araújo, Kesk e Karma, realizamos um evento de dia inteiro com rodas de conversa que reuniu diferentes gerações do Hip Hop e pesquisadores da desinformação. Foram debatidos temas como a história de resistência do movimento, políticas públicas de cultura, representatividade, desinformação e acesso ao conhecimento. Além disso, inauguramos a geloteca da Semifusa, uma geladeira transformada em biblioteca, que foi grafitada ao vivo durante o evento e recebeu a doação de cerca de 300 livros, fruto da parceria com a Sabic - Associação dos Amigos das Bibliotecas Comunitárias.

Para encerrar o evento, foi organizada uma **batalha do conhecimento**, com o objetivo de trazer as discussões do dia para a letra do Hip Hop: os artistas duelaram com rimas inspiradas em palavras-chave que nortearam as discussões nas rodas de conversa.

Batalha do conhecimento é uma batalha de rimas voltada a mostrar o conhecimento dos participantes sobre o tema de cada rodada e sua capacidade de rimar sobre ele.

“

É um objetivo dessa desinformação desconstruir a política pública de cultura, e nós temos que falar ‘mano, eu não concordo com esse edital assim’, mas temos que lutar pelos editais, pelo sistema público!”

**Marcela Menezes**

Integrante do Coletivo Balaio e vereadora de Ribeirão das Neves.

“

As informações estão muito zoadas para os nossos e as nossas e a gente absorve e reproduz sem vê o que tá na internet. O Hip Hop é espaço de contestação e denúncia e a gente precisa parar pra ver o que tá rolando e o que estamos reproduzindo, para não cair em desinformação.”

**Monge**

Família de Rua e Batalha Griot.

“

A batalha foi massa, porque toda conversa que a gente tinha tido na roda virou conteúdo na batalha. Então, se não virou consciência na pessoa na roda, entrou na hora da batalha em forma de poesia.”

**Togau MC**

Batalha da Sbala de Ribeirão das Neves.

Evento O Quinto Elemento do Hip Hop na Casa Semifusa





## CRISTÃOS

Ao longo da escuta com referências comunitárias, ficou evidente a importância não só da religiosidade, **mas das comunidades religiosas na vida cotidiana das periferias com as quais nos relacionamos.**

Mais que práticas de fé, esses espaços promovem encontros, vínculos de confiança e acesso a direitos, como o lazer, a educação, saúde e itens de subsistência como as cestas básicas. Ao mesmo tempo, muitos apontam a conexão entre desinformação e o avanço do fundamentalismo religioso no Brasil. Reconhecendo a centralidade da religião nesses territórios, dialogamos com líderes religiosos, referências comunitárias cristãs, entre católicas, pentecostais e neopentecostais e, a partir disso, organizamos ações voltadas ao público cristão.

Para iniciar nossa ação, discutimos com as referências **cinco principais formas como a desinformação e a religiosidade cristã** têm se cruzado nas periferias, a partir de uma visão fundamentalista da Bíblia:

(1) fake news que criam **pânico moral**, principalmente contra pessoas LGBT e religiões de matriz africana;

(2) mensagens com **tom apocalíptico**, que pedem para serem espalhadas com urgência;

(3) conteúdos que alimentam a **polarização política**, dizendo que um lado está com Deus e o outro com o diabo;

(4) **interpretações machistas** da Bíblia que negam os direitos das mulheres e encobrem violências dentro das igrejas;

(5) uso da **teologia da prosperidade** para culpar os pobres e desencorajar a busca por direitos e benefícios sociais.

A partir dessa leitura, **organizamos diferentes ações presenciais para fortalecer o trabalho de líderes religiosos não fundamentalistas** e reforçar a convergência dos valores cristãos com a luta contra a desinformação, em favor da defesa dos direitos sociais e da democracia. No âmbito digital, entendendo a importância dos grupos de Whatsapp ligados às igrejas e também a relevância da figura dos líderes religiosos, promovemos o Boletim de Fé, um áudio devocional semanal gravado por líderes religiosos que uniu, em nove episódios, o combate à desinformação e a leitura bíblica. Se a desinformação chega amparada por uma teologia fundamentalista, a contra-desinformação também pode e deve ter o amparo de correntes teológicas que questionam o fundamentalismo e se comprometem com a verdade.

“

A pessoa já tá quebrada, detonada e emocionalmente abalada. Então essas mentiras apocalípticas, com elementos religiosos, colam mesmo.”

**Romildo Pereira Ramos**

Comunidade Evangélica do bairro Granja de Freitas  
(região leste de Belo Horizonte).

“

Querendo ou não, o WhatsApp é uma rede social que grande parte do público cristão possui acesso. E com as lideranças religiosas o projeto conseguiu trazer temas importantes e necessários com uma linguagem do cotidiano dessas pessoas, mas quebrando com a lógica do senso comum, do pânico moral, do conservadorismo e da desinformação.”

**Roju Soares**

Canal de Youtube Roju Soares.

“

As redes sociais são um problema, porque os pastores que são ‘influenciadores’, em sua maioria, não têm preocupação nenhuma com a qualidade de vida de quem segue a página deles, e sim estão preocupados só com suas ideologias. Diferente das relações dentro das comunidades.”

**Pastor Paulo Henrique Ferreira**

Associação Atos.



OUÇA AQUI OS  
EPISÓDIOS GRAVADOS  
DO BOLETIM DE FÉ

Roda de conversa sobre o papel das mulheres na bíblia, no Museu de Quilombos e Favelas Urbanos - Muquifu, com Vera Lúcia Soares





# PERIFERIA SEM FAKE

Após quase um ano de atuação, o Observatório já acumulava lampejos suficientes para reorganizar sua atuação. As campanhas vinham trazendo boas experiências, assim como o Dá Ideia, mas identificamos, a partir das escutas, que o protagonismo das organizações territoriais para pensar ações de contra-desinformação poderia nos levar além. Foi aí que surgiu o **edital Periferia Sem Fake**, que foi executado de forma concomitante às campanhas. Com formato simplificado, recebemos mais de 40 inscrições de propostas de vários territórios da Região Metropolitana com ações para o enfrentamento da desinformação.

Selecionamos e apoiamos a execução de **13 iniciativas** com diferentes estratégias, focadas em territórios e públicos distintos, sempre conectando o combate à desinformação e a luta pela cidadania nas periferias. A ação foi executada em quatro ciclos de três meses, com dois a quatro grupos participantes em cada ciclo. Cada grupo contemplado foi apoiado com 12 mil reais para execução da ação proposta e tutoria da equipe do Observatório no desenvolvimento da ação e na prestação de contas. Ao final de cada ciclo, reuníamos todos os grupos em uma tarde para troca de experiências e reflexões sobre a desinformação.

Como a desinformação circula nos públicos que o projeto pretende atingir?

O que tem sido feito diante dos desafios?  
O que tem funcionado?

Quais os principais desafios para o enfrentamento da desinformação?

Entre os projetos realizados estão a reativação de um jornal comunitário, o fortalecimento de um portal de notícias voltado ao território, a formação de produtores de conteúdo locais, a atuação educativa em escolas, a construção de materiais educativos para públicos específicos, como as trabalhadoras sexuais ou a comunidade surda. Mais do que promover as iniciativas selecionadas, **o Periferia Sem Fake mostrou-se uma forma potente de fomentar a reflexão de grupos organizados para as mais diversas pautas relacionadas ao problema da desinformação**. Boa parte das iniciativas terminaram a execução do projeto com perspectivas de realizar mais ações de enfrentamento e de busca pelo fortalecimento de meios de comunicação comunitária protagonizados por vozes locais.

“

Esse projeto foi o ponto de partida para a compreensão desse problema aqui em nossa comunidade, e não o fim. O projeto já acabou e eles [os jovens participantes do projeto] continuam vindo aqui. Mantemos um diálogo com eles em relação ao que eles vêem nas redes sociais, eles comentam, a gente discute essas coisas. Então eles realmente podem se tornar comunicadores, multiplicadores nas redes deles.”

**Glenda Bastos**

Coordenadora do projeto do Coletivo Balaio aprovado no edital Periferia Sem Fake.

“

A gente conseguiu pegar uma ação que a gente já fazia e potencializar ela. Um espaço que antes era só para combater a insegurança alimentar [a cozinha solidária], transformou-se em um espaço de diálogo e de conexão pra gente conversar sobre as notícias, as fake news.”

**Artur Colito**

Movimento Brasil Popular, aprovado no edital Periferia Sem Fake para ação na vila Mariano de Abreu.



CONFIRA EM NOSSO SITE  
MAIS INFORMAÇÕES SOBRE  
CADA UMA DAS INICIATIVAS  
APOIADAS

“

Como dizer para um público surdo ‘procure informações confiáveis’ se não tem acessibilidade nem no Jornal Nacional? Nesse contexto, a tendência da comunidade é acreditar em todas as informações que chegam em LIBRAS. Foi importante trazer a temática de que conteúdos acessíveis não são sempre verdadeiros. Há desinformação em LIBRAS.”

**Roberto Granato Vieira**

Instituto Circula Libras, aprovado no edital Periferia Sem Fake..

Encontro de iniciativas do Periferia Sem Fake. Em pé: Sthefanny Barbosa, Mayra Stefane, Giulia Soares, Lorryne Batista, Emanuela São Pedro, Maria Caram, Mateus Canela e Sofia Alves. Agachados: Lucas Perry, Roberto Vieira Granato, Igor Felix, Thiago Henrique Lopes, Juliano Antune e Júnia Martins





Conheça as iniciativas protagonizadas por referências comunitárias apoiadas pelo edital Periferia Sem Fake:

FAKES QUE MUDAM VIDAS

Associação de Cultura, Arte e Dança M.A

Reflexões acerca de notícias falsas sobre pessoas nas redes sociais (*cyberbullying*) junto a jovens de escolas públicas, utilizando espetáculos de dança e rodas de conversas.



Apresentação realizada na Escola Municipal Belo Horizonte.

ESCOLA SEM FAKE

União da Juventude Socialista

Realização de oficinas de *fact-checking* e produção de vídeos de contra-desinformação junto aos grêmios estudantis de cinco escolas estaduais.



Oficina realizada na Escola Estadual Djanira Rodrigues.



Roda de conversa com o Jornalista e Tateto Washington Luiz na Escola Estadual João Guimarães, Icaivera – Betim.



Atividade com mulheres em Funilândia, Sete Lagoas.

KAMUGENAN

Combate ao racismo religioso, especialmente as desinformações sobre religiões de matriz africana africana, por meio de podcasts, rodas de conversa e batalhas de rima.



Da esquerda para a direita: Bark, Kemily Geovanne, Ester Kamili, João Vitor, Arthur Gabriel, Elismar Ferreira.

PROJETO ULLY

Combate à desinformação sobre a Lei Maria da Penha junto às mulheres do Morro das Pedras (BH) e Funilândia (Sete Lagoas), por meio de encontros formativos com 40 mulheres e criação de uma rede de proteção.

QUEBRADA SEM CAÔ

Associação Sociocultural Balaio

Formação estratégica em comunicação e política para cinco referências comunitárias jovens, para combater a desinformação. Foi discutido o funcionamento da política e das eleições na Favela da Mina por meio do fortalecimento dos canais de comunicação e intervenções urbanas.

DESMISTIFICANDO BENEFÍCIOS SOCIAIS

Centro de Defesa Coletiva do Morro do Papagaio

Combate à desinformação sobre os benefícios sociais no Morro do Papagaio por meio do lançamento da inteligência artificial Ju do Bolsa no território, em parceria com a Quid.



Elaine Pinheiro, presidenta do Centro de Defesa Coletiva do Morro do Papagaio, e Juliano Antunes, coordenador do Observatório, no lançamento do Ju do Bolsa no Morro do Papagaio.

AGENTES POPULARES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

Movimento Brasil Popular

Desconstrução dos estigmas e da criminalização de movimentos sociais promovidas por desinformações, que minam o exercício dos direitos políticos por meio de oficinas presenciais na vila Mariano de Abreu.



Artur Colito e Vitor Oliveira, realizadores do projeto, em encontro na Associação Cultural Mariano de Abreu.

Atividade na Escola Estadual Domingas Maria de Almeida, no bairro Independência – BH.

INSTITUTO CULTURAL SEMIFUSA

Criação de um portal de checagem de notícias falsas de Ribeirão das Neves nos canais de jornalismo já existentes da Casa Semifusa.



Gravação do podcast sobre enfrentamento da desinformação para o portal. Da esquerda para a direita: Paloma Rocillo, do Instituto Iris, Antonio Carlos Silva Benvindo e Rayane Cristina, ambos do Instituto Cultural Semifusa.



RIMA VIVA HIP HOP CREW

Combate à desinformação com a realização de evento em escola envolvendo os elementos da cultura Hip Hop (fanZine, grafite e música) e mobilização do tema da desinformação junto à rede de artistas e coletivos do coletivo Rima Viva Hip Hop Crew.

CIRCULA LIBRAS

Produção e distribuição, junto à comunidade surda, de cinco mini-documentários informativos e contra-desinformativos com a LIBRAS como idioma principal.



Lorrayne Batista da Cruz, coordenadora do projeto.



Roberto Granato Vieira, coordenador do projeto.

REVISTA LOBAS EM AÇÃO

Combate à desinformação sobre saúde entre as trabalhadoras sexuais por meio de cartilha produzida pelas próprias trabalhadoras sexuais e rodas de conversa nos hotéis da rua Guaicurus.



Da esquerda para a direita: Cleusy Lane, Lucimara Wieniesky, Fátima Muniz/Jade, Lorena Paiva, líderes do Clã das Lobas.

CONECTA CABANA

Criação de vídeos e cards para combater desinformações da região do Cabana a partir do portal existente Conecta Cabana e formação de jovens comunicadores locais.



JORNAL O OBSERVADOR

Centro Comunitário do Taquaril

Criação de um informativo mensal nos Núcleos de Moradia para combater as desinformações sobre o direito à cidade.

Distribuição do jornal O Observador na ocupação Pátria Livre.



# 2023

# 2024



## DÁ IDEIA

Entre 2023 e 2024, atuamos com o Dá Ideia, uma formação para 12 jovens de quatro territórios da Região Metropolitana de BH.

AGOSTO

**Lançamento do edital Periferia sem Fake.**

## FAKES QUE MUDAM VIDAS

**ESCOLA SEM FAKE****CONECTA CABANA**

CIRCULA LIBRAS

# OUTUBRO

## 1º CICLO

NOVEMBRO

## Conclusão do Dá Ideia.

## PERIFERIA SEM FAKE

Em agosto de 2024, lançamos o edital Periferia Sem Fake, que apostou no protagonismo das referências comunitárias para identificar os problemas de desinformação e apontar soluções.

MARÇO

ABRIL

**MAIO A SETEMBRO**

**SETEMBRO E OUTUBRO**

## ELEIÇÕES

# 2025

# JANEIRO

## KAMUGENAN

REVISTA LOBAS EM AÇÃO

**JORNAL O OBSERVADOR**

# GOLPES CIBERNÉTICOS

**CERTO PELO  
NOSSO TETO**

**HIP HOP**

FEVEREIRO

MAIO

**Recebemos o Prêmio de reconhecimento extensionista do VI Encontro Internacional Participação Democracia e Políticas Públicas.**

ABRIL

## PROJETO ULLY

## DESMISTIFICANDO BENEFÍCIOS SOCIAIS

## QUEBRADA SEM CAÔ

**INSTITUTO CULTURAL SEMIFUSA**

## CAMPANHAS

A partir de 2024, o Observatório trabalhou com campanhas colaborativas de enfrentamento da desinformação sobre temas identificados como relevantes, ou junto a públicos específicos, a partir de diferentes estratégias online e offline.

**PÚBLICO  
CRISTÃO**

FEVEREIRO  
A MAIO

JUNHO

**RIMA VIVA HIP HOP CREW**

## AGENTES POPULARES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

## DESFECHOS

# COMUNICAÇÃO E CIDADANIA

## NOS TERRITÓRIOS:

### ESTRATÉGIAS LOCAIS DE

### ENFRENTAMENTO DA DESINFORMAÇÃO

Chegamos ao final desta publicação com a expectativa de que, ao concluir esta leitura, você esteja certo de que **há pessoas por aí buscando caminhos para uma comunicação ética, que amplie o acesso à informação, ao conhecimento e contribua para a formação cidadã.** Esperamos que os exemplos aqui reunidos sirvam como mapas para o surgimento de novas iniciativas, para que mais coletivos se encontrem e novos lampejos surjam, iluminando esse grande desafio do nosso tempo: o enfrentamento da desinformação e de seus variados impactos sobre a cidadania.

Diante da complexidade do problema a ser enfrentado, o Observatório precisou ter um caráter experimental para nos dar liberdade de rever caminhos, combinando observação e participação ativa no enfrentamento territorial junto de quem já estava lá – juventudes das quebradas, referências e organizações comunitárias, além de diversos parceiros da sociedade civil. Ao longo desse percurso, articulamos o conhecimento das pesquisas acadêmicas com as vivências de comunidades e territórios; experimentamos estratégias online e offline para combater a desinformação; testamos, avaliamos, corrigimos rotas e redesenhamos caminhos conforme aprendíamos o que fazia mais sentido em cada espaço.

O problema da desinformação na contemporaneidade está longe de soluções definitivas. **Seu enfrentamento exige a atuação organizada de múltiplos atores em várias dimensões.** A regulação das plataformas digitais, a atuação de veículos especializados na checagem de fatos e a produção de conteúdos educativos são dimensões centrais e indispensáveis – mas, sozinhas, não dão conta da diversidade de impactos da desinformação, especialmente em contextos onde a própria cidadania e o direito à informação ainda não estão garantidos. O foco do Observatório na dimensão local revelou caminhos adicionais e necessários nesse enfrentamento.

Nesses territórios, **várias organizações e referências comunitárias se desdobram para resistir ao fenômeno global da desinformação justamente onde seus efeitos mais se fazem sentir.** Como o Projeto Ully, no Morro das Pedras, ou o Clã das Lobas, na rua Guaicurus, que garantem o acesso à informação sobre políticas de proteção à mulher. Como o Jornal O Observador, que atua na divulgação de informações sobre o direito à moradia digna. Ou o Circula Libras, preocupado em promover acessibilidade informacional em Libras. E ainda os coletivos de Hip Hop que formam juventudes periféricas, como a Batalha “da Casa”, na Casa Semifusa, e o projeto Rima Viva, com o trabalho nas escolas. Foram muitos os parceiros e muitos os aprendizados que nos permitem hoje afirmar: fortalecer e investir nessas redes locais, na comunicação comunitária e em comunicadores periféricos é tão estratégico e potente quanto o investimento em tecnologias digitais de detecção e regulação. Em muitos casos, essas organizações atuam como mediadoras entre informações e desinformações que circulam no território. São elas que têm a confiança da população e conhecem as linguagens e estratégias mais eficazes para dialogar com o local.

**Outra dimensão que se revelou indispensável em nossas escutas foi a da comunicação pública.** Quando ela é fragmentada, inacessível ou confusa, o enfrentamento da desinformação ligada a serviços públicos se torna muito mais difícil e pouco efetivo no nível local. Garantir o direito da população à informação segura sobre seus próprios direitos – com estratégias que considerem e se conectem com as dinâmicas territoriais – é fundamental para que as pessoas possam se proteger de golpes e notícias falsas sobre políticas públicas.

Por fim, é necessário compreender que a desinformação na contemporaneidade não é um problema meramente tecnológico. **Ela se articula de forma dinâmica com questões sociais, culturais e territoriais que precisam ser consideradas nas ações de enfrentamento.** Trata-se de um problema de interesse público, com impacto direto nas relações comunitárias e na cidadania, e que não pode ser enfrentado apenas de forma vertical. Convidar organizações e atores locais a participar das soluções, escutar suas perspectivas e tornar essa questão uma pauta de atenção cotidiana nos territórios foi, para nós, uma experiência reveladora e potente.

Encerramos este percurso com a consciência de que ainda há muito a ouvir, a aprender e muitas estratégias a serem criadas. **As experiências reunidas aqui não oferecem respostas prontas, mas apontam possibilidades construídas no dia-a-dia, com escuta, parceria e atenção ao que faz sentido em cada lugar.** Que este material possa inspirar novas trocas, fortalecer redes já existentes e seguir somando ao esforço coletivo por uma comunicação mais justa e conectada com a vida nos territórios.



**Revista Observatório Participativo  
da Desinformação: escuta, participação  
e modos de enfrentamento**

**FICHA TÉCNICA**

**AGÊNCIA DE INICIATIVAS CIDADÃS**

Emanuela São Pedro - Gerência institucional, redação,  
edição e revisão

Juliano Canedo - Coordenação, redação e edição

Ricardo Fabrino Mendonça - Revisão

Rafaela Pereira Lima - Revisão

Luiza Avelar - Redação

Maria Caram - Redação

Sthefanny Barbosa - Redação

Aline Franceschini - Projeto gráfico, ilustração e diagramação

Camila Malloy - Diagramação

Brenda Laura - Diagramação

**EQUIPE DO OBSERVATÓRIO:**

Aline Franceschini

Caroline Messias

Emanuela São Pedro

Juliano Antunes

Júnia Martins

Luiza Avelar

Maria Caram

Ricardo Fabrino

Sthefanny Barbosa

Thiago Henrique Lopes

REALIZAÇÃO



APOIO

